

Boletim Informativo da Federação Portuguesa  
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

# O DIREITO HUMANO

SOLSTÍCIO DE INVERNO 2014, ANO 5, Nº 12





**Neste Número:**

**Editorial**

**Sínteses — Convenção Nacional 6013-6014 (E .:M.:)**

Simbólica: Luz no percurso Maçónico

Social: A urgência da construção de um novo paradigma capaz de enfrentar os impasses e paradoxos da humanidade numa perspectiva holística e humanista

**Peça de Arqu.: :**

Solstício

---

Imagem de Capa: Rubens, Peter Paul —

Titulo do quadro: Cena nocturna com velha segurando um cesto e uma vela e uma criança ao seu lado prestes a acender a sua vela na dela. Óleo sobre tela, colecção particular.

---

Editora: Maria de Fátima Pires—Presidente do Conselho Nacional

Grupo de Trabalho do Boletim Informativo:

Hugo Gomes

Hugo Silva

Ilda Batista

Maria João Figueira

*(alguns participantes preferiram manter o anonimato)*

---

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor

---

Contacto para sugestões e colaborações: [correio@direito-humano.pt](mailto:correio@direito-humano.pt)

---

Disponível no site da Federação Portuguesa: [www.direito-humano.pt](http://www.direito-humano.pt)



Minhas Queridas Irmãs e Meus Queridos Irmãos,

Neste Boletim dá-se conta das **sínteses simbólica e social**, apresentadas na Convenção de 2014.

Fala-se da **“Luz no percurso Maçónico”** e como a Luz resplandece mesmo na obscuridade mais profunda.

Apresenta-se também o tema social sobre **“A urgência da construção de um novo paradigma capaz de enfrentar os impasses e paradoxos da humanidade numa perspectiva holística e humanista”**, no qual se reflecte sobre como o indivíduo é o átomo que compõe a egrégora, e, para que se forme uma egrégora, é necessária a comunhão, pois, não existe um elo fraco, todos se tornam um, e o **“elo-átomo-indivíduo”** deixa de existir, uma vez que faz parte do todo uno e indivisível. No qual se reflecte, enfim, como atenta a nossa história e os nossos ideais, nós maçons, devemos ter um papel interventivo, precursor e dinamizador, não perdendo nunca a Esperança de conseguirmos alcançar uma sociedade melhor, mais justa e mais perfeita.

Mas não ficaremos por aqui. Muito mais há a partilhar e a ler neste Boletim que também assinala o **Solstício de Inverno**.

Que como o **Sol** que a partir do Solstício de Inverno se fez mais presente, tenhamos o vigor para nos expressarmos com mais energia sobre a Terra, empreendendo as nossas actividades, como fazemos neste documento. **Deixemos o obscurantismo e caminhemos como fonte emanadora de vibrações de justiça e perfeição**, é este o meu desejo.

Recebam o meu forte TAF

**Maria de Fátima Pires**

Pres: . do C: . N: . da Federação Port. do Direito Humano



A Luz, elemento de expansão, revelação e enquadramento do Todo Universal, é um dos elementos - senão a base - para uma vivência plena da via Maçónica. Talvez não seja um mero acaso que a Maçonaria atual nos conduza à referência histórica do “Século das Luzes”, o século XVIII, e ao nascimento da Maçonaria *dos Aceitos*.

O primeiro momento acontece logo na C.: de Refl.: com a presença de elementos simbólicos, como por exemplo o Galo e a sigla VITRIOL que pretendem traduzir tanto o nascimento de um novo ser como o início de uma longa jornada interior. Em seguida já durante o Rit.: de Inic.: o novo Ir.: irá experienciar o quão será exigente o percurso maçónico para si e para com os seus



semelhantes, por exemplo através das provas às quais é submetido desde o Ocid.: ao Or.:, das

trevas para a luz.

Qualquer sessão ocorre sob a presença das três Luzes do Templo: a Sabedoria, a Força e a Beleza, as quais permitem segundo a sua natureza permitir o acesso a um maior conhecimento. Estas Luzes expressam-se na figura do V.: M.:, símbolo da centelha Divina (Sabedoria), do 2º Vig.:, símbolo da exteriorização da harmonia ritual e ordem interior e do 1º Vig.:, símbolo da mente consciente e a faculdade de realizar o que a inteligência concebe.

Também importa referir as Três Grandes Luzes, assim:

- As Três Grandes Luzes são o Livro da



Lei, o Esq.: e o Comp.:. O Livro da Lei representa o código moral e ético seguido por cada Maçon, o Esq.: e o Comp.: representam o “Escudo Maçónico”, onde entre o qual cada maçõ se encontra: na justiça que deve nortear cada um dos seus atos (Comp.:) e na retidão moral e consciência perante o seu semelhante;

Já sobre o Altar dos Jur.: é transmitida a Luz ao IR.: pelo V.: M.: com ajuda da Esp.: Flam.: - símbolo do Verbo -, num verdadeiro ato de consagração. Este ato é posto ao serviço do seu desenvolvimento enquanto ser humano e ao Trabalho, o desbastar da P.: B.:, realizado pelo novo Ir.: e com os seus



Ilr.: em L.:. O Iniciado presta juramento perante o G.:A.:D.:U.:. A luz pedida pelo Iniciado é a Luz do Saber, do Conhecimento e dos Mistérios. Ele aspira à Luz para o retirar não tanto de uma escuridão física mas sobretudo de uma escuridão espiritual (Lembremos nos da “Alegoria da Caverna” de Platão). Cada um de nós transporta a sua



luz e partilha esta com os outros. Em conjunto geramos um determinado conhecimento que não pode ser explicado porque é vivido e só vivido se poderá transmitir. A transmissão transforma-se num processo necessariamente dinâmico entre um emissor e o recetor onde passa a existir um processo de iluminação espiritual ou de elevação mística.

Essa construção constante de um “Filho da Luz”- aquele que conhece o verdadeiro sentido do Símbolo - preconiza uma busca da Verdade, da Justiça, da Liberdade, da Fraternidade, da Sabedoria, da Razão e Conhecimento, da Consciência Iluminada ou de uma Espiritualidade Universal. Em alguns casos pode significar mesmo a tradução da Divindade e da Criação, onde, através das quais poderemos gerar canais/vias de Luz (Salmos 36:9 porque em ti está o manancial da vida; na tua luz vere-



mos luz) ou distinguir a luz da sombra (Génesis 1:4 E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas).

O percurso maçónico através dos seus rituais, graus, simbólica ou até vivência ritualística

permite ao Iniciado, segundo o seu próprio caminho, ir descobrindo os Mistérios, ao mes-



mo tempo que nestes últimos ele próprio se descobre Maçon.

Temos então a tradução de uma luz física para uma luz espiritual. A primeira atua na dimensão dos sentidos, de uma visão física, a qual permite distinguir a claridade da escuridão, a percepção de pontos de luz nessa mesma escuridão. Já a segunda evoca um ideal de vida, uma aspiração pela qual nos transformamos definitivamente ao longo dos nossos TTrab.: e do nosso percurso.

A Luz por nós desejada entende-se na sua dualidade: onde existe a Luz também existe a Escuridão, onde existe a Sabedoria também descortinamos a Ignorância. Todos caminhamos entre o branco e o preto.

A expressão desta dualidade no percurso maçónico pode também ser compreendida por exemplo pelo estudo de Zoroastro, o qual foi tido como o pai do dualismo e como a primeira possibilidade do Monoteísmo. A

tradição o indica-nos que os TTrab.: no templo de Zoroastro ocorriam entre o meio – dia e a meia – noite, assentes na diferença entre dia e noite.

Os TTrab.: de L.: começam ao Meio Dia e terminam à Meia Noite, período onde coexistem os elementos do Sol e da Lua, onde a Luz é recebida. O Sol simboliza o início dos TTrab.: e a Lua o fim dos mesmos. O V.: M.:, sob o Delta Luminoso, abre e encerra os TTrab.: entre o Sol e a Lua.

Quando o Sol se encontra no seu ponto mais alto, é precisamente quando surge a Lua na fase de quarto crescente, aparecendo ao meio dia e desapare-



cendo exatamente à meia-noite. No seu momento mais alto, quando ilumina a coluna do meio-dia, o Sol coexiste com a Lua expressando o Templo como a Unidade Reconstruída.

Quanto mais altos são as nossas aspirações, mais rapidamente emerge a consciência dos nossos defeitos, da nossa realidade e da realidade do outro.

O Trab.: do Maçon assenta assim na dúvida, na procura feita entre a sua luz e a sua sombra, na lembrança constante da Via

que iniciou, de tudo aquilo a que se propôs por mais difícil que seja esse caminho.



Também nós transportamos as nossas sombras e não as podemos ignorar nem exteriorizar a culpa da sua existência sob o risco de transportarmos as sombras para a Égloga da Loja.

Todos nós somos um fator exponencial de Luz, cada um de nós transporta em si parte da sua própria L.:. O resultado disso só pode ser trabalhado com o melhor dos cuidados e em conjunto porque o início e o fim deste conhecimento é-nos oculto. Nós vamos descobrindo o Caminho através da sublimação, da integração do ritual na nossa consciência face à subjetividade



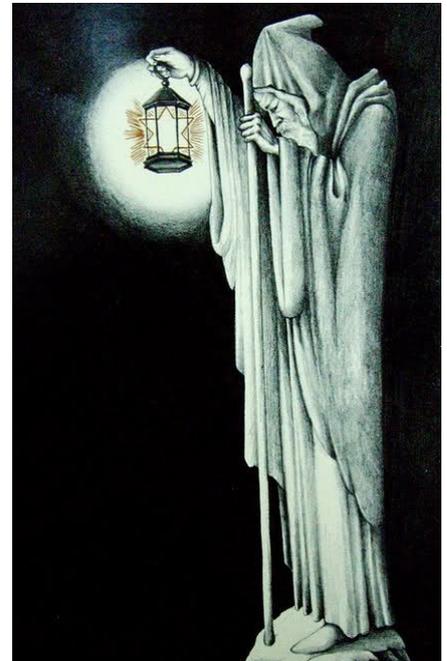
dos nossos sentidos. Temos então que, com coragem, submergir no desconhecido e crescer acreditando e aceitando este ritmo de aprendizagem natural e necessário entre luz e sombra.

Quando iniciamos os nossos TTrab.: também o fazemos “em

nome do Progresso da Humanidade”. Parte das nossas obrigações enquanto Maçons é contribuir para o progresso da Humanidade pelo exemplo pessoal e de cidadania que deverá ser a mais fiel cópia dos nossos ensinamentos, na construção do homem novo. A nova estrutura mental trabalhada e renovada em cada sessão deverá traduzir também uma ação de constante adaptação a novas formas de trabalhar em prol do progresso da humanidade contribuindo para a existência de um Mundo mais justo, solidário e iluminado.

Que cada um de nós faça o seu Caminho encontrando ao mesmo tempo a Luz adequada segundo as suas necessidades no percurso.

“A experiência é semelhante a uma lanterna que transportemos nas costas: nunca ilumina senão o caminho percorrido” – Confúcio.



## A URGÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA CAPAZ DE ENFRENTAR OS IMPASSES E PARADOXOS DA HUMANIDADE NUMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA E HUMANISTA



Paradigma, do grego *parádeigma*, é a representação de um padrão a ser seguido. É um pressuposto filosófico, é uma teoria, um conhecimento que origina o estudo de um campo científico; uma realização científica com métodos e valores que são concebidos como modelo: é uma referência inicial.



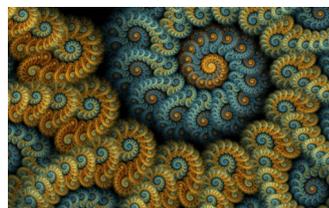
No entanto, o paradigma deixa o caminho livre e aberto para novos estudos, descobertas,

para novos conceitos e métodos, para que todos nós possamos percorrer esse caminho com liberdade.

Esta concepção holística do Universo mostra de forma evidente a existência viva de uma relação dialética entre os fenómenos e sua essência, entre o particular e o universal, en-

tre a base material e a consciência, entre a imaginação e a razão.

Aliás, o termo holismo vem precisamente do grego *holos*, que significa todo.



No século VI antes de Cristo, o filósofo Heráclito

de Éfeso já dizia "A parte é diferente do todo, mas também é o mesmo que o todo. A essência é o todo e a parte".

Mas como em tudo, o percurso tem que ter um início.

E, para construirmos um novo paradigma que nos apresente ou que nos possibilite construir uma sociedade melhor, mais justa e mais perfeita, temos que começar pelo nosso eu interior.

Que futuro sustentável deverá seguir a Humanidade e que paradigmas devem substituir os actuais que nos enquadram?

BEM, E POR QUE NO ANO QUE VEM NÃO INICIAMOS DE UMA VEZ A TÃO ADIADA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR, HEIN?



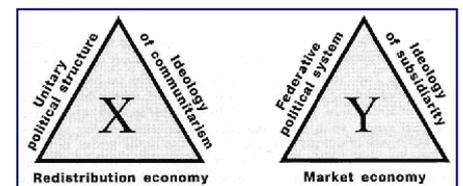


vezes em nome de uma civilização, de uma religião e de princípios hoje completamente ultrapassados.

Mas se todos os seres humanos têm direitos iguais, e todos os povos tem direitos iguais, então não podemos manter o tipo de sistema desigual que a economia mundial capitalista sempre foi e sempre será. Quando a intransponibilidade do abismo entre as declarações missionárias sobre igualdade e dignidade e a realidade sombria da desigualdade obscena se tornam aparentes, os direitos humanos - ao invés de eliminar a guerra - levarão aos novos e incontroláveis tipos de tensão e conflito.

Hoje, o debate sobre o significado de humanidade, enquanto fonte de fundamento normativo é conduzido por universalistas e comunitaristas.

O individualismo de princípios universais esquece que toda a pessoa é um mundo em si mes-



Dois modelos antagônicos... A economia da redistribuição de riqueza Vs. a Economia de Mercado

mo e nasce em comunidade com outros, que estamos todos em comunidade. Estar em comunidade é parte integrante do ser em si mesmo: o eu está exposto ao outro, coloca-se em exterioridade, o outro é parte da intimidade de si mesmo.

Quando se propõem novos caminhos somos alertados para a sua impossibilidade, irrealismo

A energia é o que sempre fez mover a humanidade, a nossa capacidade de nos deslocarmos e de deslocarmos os bens, serviços e a informação / conhecimento. O uso da energia passou por vários estágios, numa primeira fase a locomoção animal e o uso de combustíveis primários vegetais. Posteriormente e com o motor de combustão, ainda em uso, a poluição aumentou enormemente. O Sol e a Lua (quando se olha para o Oriente, ressaltam estes dois luminares), podem ajudar a mudar os actuais paradigmas económicos, sociais e de sustentabilidade energética, pois bem, cinco das sete energias renováveis que actualmente podemos aceder são potenciadas pelo Sol e as duas restantes pela Lua.

Num mundo e constante evolução, em que mudanças estruturais ganham permanentemente novos contornos, a comunicação e a informação têm uma importância fundamental para a descodificação e compreensão dos factos e da mensagem, com actualização permanente dos correspondentes paradigmas que vão surgindo e suas interpretações.

Vivemos enquadrados numa

chamada civilização do consumo. Estamos instalados no primado do conforto e do prazer, que, unilateralmente, os europeus têm vindo a construir desde Oriente, ressaltam estes dois luminares), podem ajudar a mudar os actuais paradigmas económicos, sociais e de sustentabilidade energética, pois bem, cinco das sete energias renováveis que actualmente podemos aceder são potenciadas pelo Sol e as duas restantes pela Lua.

Num mundo em constante evolução, em que mudanças estruturais ganham permanentemente novos contornos, a comunicação e a informação têm uma importância fundamental para a descodificação e compreensão dos factos e da mensagem, com actualização permanente dos correspondentes paradigmas que vão surgindo e suas interpretações.

Vivemos enquadrados numa chamada civilização do consumo. Estamos instalados no primado do conforto e do prazer, que, unilateralmente, os europeus têm vindo a construir desde há séculos, em detrimento e com a destruição de outras culturas, de outras civilizações, de outros seres humano e muitas

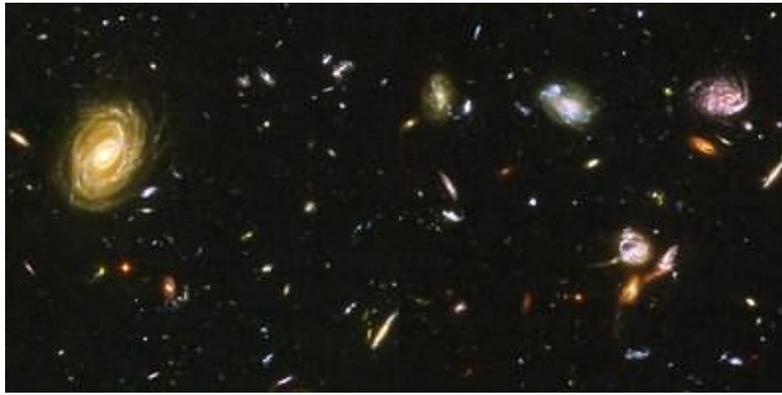


Foto: Hubble Deep Field. Foto tirada a partir do telescópio Hubble. No quadrante direito da imagem as galáxias estão em rota de colisão. A imagem é uma viagem no espaço e no tempo, correspondendo a uma visão do distante universo pouco depois do Big-Bang. O mais longe que o ser humano já vislumbrou. Fonte: Site do Hubble. Fotos publicadas entre 2004 e 2007.

e insustentabilidade.

Nesta nova economia que, segundo Fritjof Capra, funciona à semelhança da organização sistêmica da vida, o objectivo fundamental e único é o lucro cada vez maior não tendo em consideração o equilíbrio e a estabilidade do todo, ao contrário do



sistema vital. O resultado foi o sacrifício de alguns sectores sociais e ambientais. Culturalmente, uma pobreza e alienação cada vez maior são acompanhadas pelo afastamento da intervenção cívica e política pondo em risco a própria democracia. Não se investe na Educação, na Saúde, na Cultura. A capacidade crítica é abafada pelo “ruído” dos média. A dignidade do ser humano há muito que desapareceu

receu das preocupações de quem dirige. Ecologicamente, os estragos são estrondosos.

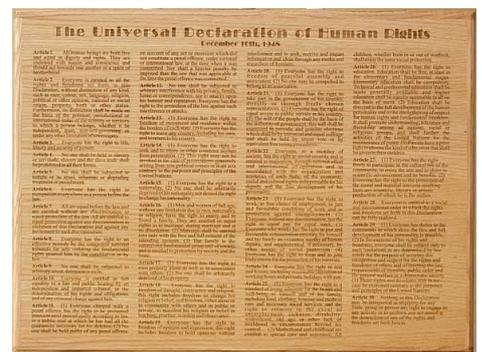
Contudo, as mesmas armas que servem a destruição podem servir para reverter a situação.

Se olharmos com atenção à volta, não poderemos deixar de ver muitos sinais de mudança:

Contra as sementes normalizadas e assaltadas por piratas de gravata, erguem-se movimentos de denúncia e associações de activistas com uma prática consequente: contra o assalto aos poderes políticos diversos por um poder internacional amoral e assassino, algumas vezes começam a fazer-se ouvir, alguns ouvidos começam a disponibilizar-se para escutar; contra um ensino normalizador e massificado, vários movimentos pedagógicos com práticas concretas continuam a remar contra a maré; contra a violação do planeta berço, começa a erguer-se uma consciência que tudo liga e que compreende todas as violações como uma única violação: contra a mãe que nos acolhe, alimenta e protege, a grande Mãe Natureza. Umas e outras estão

interligadas e o ataque às mulheres, às crianças, aos deficientes, aos idosos e a todos os seres com alguma vulnerabilidade, fazem parte do grande ataque colectivo contra, afinal de contas, nós mesmos. Um suicídio cada vez menos inconsciente.

Temos mais do que conhecer compreender o que conhecemos... A adaptabilidade é uma das formas que temos de atingir a compreensão de nós próprios e do que nos rodeia. É importante haver uma atitude uma predisposição um desejo



Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948

para a compreensão. Só deste modo e talvez não seja suficiente é que podemos passar da consciência para a vivência e

desta forma operar a mudança.

Todos nós, no mundo ocidental ouvimos falar da Declaração dos Direitos do Homem, no entanto poucos sabem realmente viver estes Direitos ou mesmo mencioná-los de forma realmente compreensível e compreendida.

Adoptada como Resolução pelas Nações Unidas na sequência, e como consequência, da reflexão que foi feita após a Segunda Guerra Mundial. Esta contém no seu preâmbulo as Quatro Liberdades, definidas pelo nosso Ir.'. Franklin Delano Roosevelt que

via nestas o fundamento para a criação de um mundo seguro. As Quatro Liberdades

A primeira delas é o direito ao uso da palavra e à livre expressão; a segunda é a liberdade de cada um celebrar Deus à sua maneira; a terceira é estar livre das necessidades; a quarta é estar livre do medo.

Estas quatro liberdades são hoje fundamentais, tal como o foram no início do Século XX. A liberdade de usar da palavra, de nos manifestarmos, de celebrarmos Deus à nossa maneira, ou de

não celebrarmos Deus mas a Humanidade, e a liberdade de viver sem a dependência dos bens materiais para além dos básicos que sustentam a vida, só existem se estivermos livres do medo.

Roosevelt afirmou: "A única coisa de que temos que ter medo é do próprio medo".

Esta visão, enfatizou ele, não é para um milénio distante, mas sim a base definitiva que permite criar um mundo que será a antítese daquele em que prevalece a ignorância e a tirania,



O erro e a incerteza são factores que nos mantêm em movimento em direcção à utopia, ao melhoramento de nós próprios e do grupo social. A bondade do erro não pode ser vista como um facto isolado já que deve ser contextualizado, avaliado e nos deve fazer reflectir sobre o caminho que adoptamos. Em cada momento da nossa vida.

O erro e a incerteza são o que nos torna humanos e não deuses. Mesmo os deuses são imperfeitos porque limitados e toda a criação é imperfeita. É este facto que nos torna verdadeiramente Seres Humanos sempre em devir.

MJF, M.: M.:





Templo Jorge Lopes Gomes, Or.:. de Évora  
Colunas e vista parcial do tecto

Pouco clara é a Luz ao princípio. Lentamente apercebemo-nos do Templo na semi-obscuridade. Encaramos as luzes, os símbolos, o Céu, os Ilr.:. e as Ilr.ª.:. reunidos (as) em volta do Centro do Mundo onde se juntam as direcções que nos ligam ao Cosmos e que dão orientação ao nosso sentir. "Do Zenith ao Nadir, do Sul ao Setentrão, do Oriente ao Ocidente", são estas as direcções do espaço sagrado onde nos encontramos, mas também são as dimensões do templo, do Mundo onde nos movemos e que, rodeado pela Corda de 81 nós, se encontra protegido de tudo o que é profano, de tudo aquilo que se encontra fora de nós, reforçando a Egrégora assim formada.

O templo tem uma atmosfera diáfana, etérea, propícia ao recolhimento, para que possamos abrir o coração ao sentir, aos símbolos que nos rodeiam, ao estado de alma dos Ilr.:. e das Ilr.ª.:. que connosco formam as suas Colunas. Para que possamos mergulhar na profundidade da nossa própria alma, no nosso templo interior, construído para reproduzir o Templo Celeste, do qual o Templo em que es-

tamos imersos é a imagem. O Templo interior é reforçado em cada um de nós - a concretização do Princípio Hermético da Tábua de Esmeralda.

Olhamos as colunas B e J e sabemos que simbolizam os Trópicos. De Capricórnio, a coluna B, de Câncer, a Coluna J; entre elas o Equador. Mais do que dividir o espaço ao meio, elas criam as direcções, dão-nos o sentido da circulação, do fluxo de energia no Templo, definindo os pontos extremos da Circulação do Sol. Indicam os Solstícios...

O ciclo determinado pela circulação, pelo Céu nocturno e pelo Zodíaco leva-nos eternamente ao trabalho interior de desbaste da Pedra, eternos aprendizes de nós próprios e dos outros." O Ouroboros, a serpente enrolada sobre si própria, símbolo do eterno retorno e do eterno renascimento."

Solstício de Verão, dia em que a luz derramada pelo Sol que nos ilumina está no seu auge. Dia em que o Sol se recolhe e a sua energia começa a diminuir. A Luz recebida até então por cada um(a) dos Ilr.:. e Ilr.ª.:. , reforçando a nossa luz interior, concen-

tra-se em resultado do nosso recolhimento. Aumenta, reforçando a nossa construção interior. Solstício de Inverno, dia em que o Sol, que desceu até ao seu ponto mais baixo, o ponto invernal, recomeça a sua caminhada e nos leva a caminhar junto dos Irmãos que connosco percorrem o caminho do auto-

conhecimento e do auto-aperfeiçoamento.

Num ciclo que se renova em cada Solstício, manifestação de tudo o que está oculto em nós e que concentramos para poder partilhar com os Ilr. :. e as Ilr.ª :. : o trabalho sobre nós próprios e o reforço desta Luz inte-

rior farão de cada um(a) uma pedra cada vez mais próxima do ideal da Pedra Cúbica, que nos permitirá tomar o nosso lugar na construção do mundo.

R.: L. :. Liberalitas



Templo Jorge Lopes Gomes, Or. :. de Évora. Em preparação para o o Ritual do Solstício de Inverno



## Preceito Maçónico

Escuta a voz da natureza , que te brada:  
todos os homens são iguais  
Todos constituem uma única família.

Fonte: Princípios e Preceitos Maçónicos, Grémio Lusitano, 1928 (*“visado pela censura”*)

